

Ensino de Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica: importância da interdisciplinaridade na sua evolução

Fátima Maria Baptista Valentim Dias Cardoso
Maria do Carmo Martins Pires e Sousa

Resumo

O contributo de diferentes ramos da ciência no desenvolvimento do conhecimento e no seu ensino em múltiplas áreas disciplinares é incontestável. No caso da Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica, numa lógica de similitude, associamo-la à medicina, particularmente ao ramo da Pediatria. Cedo percebemos que essa associação é reducionista. A história mostra-nos que o seu desenvolvimento também se deve a ciências como biologia, antropologia, filosofia, psicologia, sociologia e ciências da educação entre outras. Este entendimento conduz-nos ao conhecimento do contexto histórico da definição de infância e adolescência, dois conceitos indissociáveis da necessidade de se ensinar enfermagem e medicina específicas para estes grupos etários. Até ao século XII era desconhecida a representação de crianças em obras de arte e segundo Ariès (1981)¹ tal deve-se à pouca importância dada a estes seres. Nos séculos seguintes operaram-se modificações. As mais consistentes datam dos séculos XVII e XVIII. É inegável o contributo de Rousseau (1762)² com *Émile* não só pelo impacto cultural, mas pelas consequências daí resultantes quando explorados os aspetos filosóficos e pedagógicos da obra. Com a Revolução Industrial tiveram início medidas de proteção da criança contra trabalhos insalubres e para satisfazer as suas necessidades de saúde. Em França surgiram os primeiros conceitos e trabalhos sobre puericultura que se expandiram a outros países da Europa. Querendo aprofundar o conhecimento, através de análise bibliográfica, sobre a evolução do ensino de Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica e das implicações de diferentes ramos da ciência na mesma, procurámos refletir sobre o contributo que, ao longo dos anos, as diferentes áreas científicas deram para esta área disciplinar.

Palavras chave: Ensino; Enfermagem pediátrica.

Abstract

The contribution of different branches of science to the development of knowledge and its teaching in multiple subject areas is undeniable. In the case of Infant Health and Pediatric Nursing, in a logic of similarity, we associate it with medicine, particularly the branch of Pediatrics. We soon realize that this is a reductionist association. History shows us that its development is also due to sciences such as biology, anthropology, philosophy, psychology, sociology and the educational sciences, among others. This understanding leads us to the knowledge of the historical context of the definition of childhood and adolescence, two concepts inseparable from the need to teach nursing and medicine specific to these age groups. Until the 12th century the representation of children was unknown in works of art and according to Ariès (1981)³ this is due to the little importance given to these beings. In the following centuries modifications took place. The most consistent date from the seventeenth and eighteenth centuries. Rousseau's (1762)⁴ contribution with *Émile* is undeniable, not only for its cultural impact, but also for the consequences resulting from the examination of the work's philosophical and pedagogical aspects. With the Industrial Revolution, measures began to protect children against unhealthy work and to meet their health needs. In France came the first concepts and works

¹ Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

² Rousseau, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation: Livres I et II*. Boursapapey, Bibliothèque Numérique Romande, 1762.

³ Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

⁴ Rousseau, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation: Livres I et II*. Boursapapey, Bibliothèque Numérique Romande, 1762.

on childcare that expanded to other countries in Europe. Wanting to increase knowledge, through literature review, about the evolution of the Infant Health and Pediatric Nursing teaching and the implications of different branches of science in it, we tried to reflect on the contribution that these have made to this subject area over the years.

Keywords: Teaching; Pediatric nursing

A importância atribuída à criança ao longo dos tempos

A infância foi uma etapa do ciclo de vida ignorada ao longo de vários séculos. Procurava-se sempre ver o adulto na criança, sem pensar nas particularidades e necessidades do ser humano nesta etapa do seu desenvolvimento. Tal facto é-nos revelado, na literatura, por múltiplos exemplos do quotidiano da época e pela ausência da representação da criança na arte, até ao séc. XII.

Na Europa Ocidental, até ao século XVII, mercê dum desconhecimento profundo das especificidades físicas, psíquicas e de socialização da criança, esta era encarada com desprezo pelos adultos. Não lhe era reconhecido grande valor, nem afetivo, nem económico (Badinter, 2000)⁵. Esta visão da criança explica em grande parte a ausência de uma medicina infantil até à primeira metade do século XVIII. A assistência médica, de modo geral, era incipiente não existindo uma política de saúde específica para as crianças (Foucault, 1979)⁶.

No século XVIII, com a publicação da obra filosófica *Émile ou de l'éducation*, de Rousseau (1762)⁷, dá-se o reconhecimento social da criança. Ao defender a ideia de que a criança era um ser diferente, de natureza boa, pura e ingénua que era necessário respeitar e deixar livre para que a natureza pudesse agir no seu curso normal, favorecendo o seu pleno desenvolvimento, Rousseau deu um contributo inestimável para que a infância fosse considerada uma etapa fundamental na construção da vida do indivíduo. Ariès (1981)⁸ e Badinter (2000)⁵, referem o contributo da obra supracitada no despertar da consciência social para as particularidades da infância. Concomitantemente a família começa também a preocupar-se e a interessar-se pela saúde e educação das suas crianças.

No século XIX, com a Revolução Industrial, há uma progressiva, mas lenta, consciencialização dos perigos do trabalho excessivo imposto às crianças, cada vez mais massificado, nas fábricas e minas. Datam desta época as primeiras medidas de proteção à criança contra trabalhos insalubres e para satisfazer as suas necessidades de saúde.

⁵ Badinter, Elisabeth. *O amor incerto*. Lisboa: Relógio de Água, 2000.

⁶ Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

⁷ Rousseau, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation: Livres I et II*. Bourlapapey, Bibliothèque Numérique Romande, 1762.

⁸ Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

A afirmação da criança como um ser diferente do adulto, não só no tamanho do seu corpo, mas sobretudo nas suas características bio-psico-sociais, está na origem de diferentes olhares das ciências, que entenderam a necessidade de perceber melhor estes seres, para assegurar a satisfação de todas as suas necessidades. O desafio estava lançado e surgiram então, ramos da ciência específicos dedicados à infância. A medicina e a enfermagem acompanharam estes desígnios através da criação da medicina e enfermagem pediátrica.

Antecedentes Históricos da Enfermagem Pediátrica

A construção do primeiro hospital infantil em Paris, em 1802, é apontada como o evento que marcou o início da assistência à criança. Este foi seguido pelo “*Hospital for Sick Children*”, em Londres, ficando ambos conhecidos como precursores dos hospitais pediátricos nos Estados Unidos da América.

Os primeiros conceitos e trabalhos sobre puericultura surgiram em França, de onde se expandiram para outros países da Europa (Warchter & Blake, 1976)⁹. Em 1859, no Reino Unido, Florence Nightingale expôs no seu livro *Notas sobre Enfermagem: o que é e o que não é*, um conjunto de regras e noções sobre a arte de criar fisiologicamente e higienicamente as crianças. Segundo ela, as causas da alta mortalidade em Londres, na época, eram a deficiente higiene doméstica, a falta de um hospital e a falta de educação das mulheres sobre os cuidados de promoção e preservação da saúde dos seus filhos. Nightingale (2005)¹⁰ concebeu, assim, os fundamentos da enfermagem pediátrica, centrada especialmente em puericultura.

Nos Estados Unidos da América, a fundação do primeiro hospital para o atendimento exclusivo de crianças ocorreu em Philadelphia, em 1855, e é referido como o acontecimento que assinala o início da enfermagem pediátrica como especialidade (Taylor, 2006)¹¹.

O reconhecimento da necessidade de formação específica para enfermeiras que cuidavam de crianças surgiu, quase em simultâneo com o aparecimento de unidades separadas, das dos adultos, para assistência à criança, primeiro em orfanatos, depois em hospitais pediátricos e por fim nas unidades pediátricas de hospitais gerais (Waechter & Blake, 1976)¹². A especialidade de medicina infantil data do século XIX. Em 1872, surgiu o termo “pediatria” (Badinter, 2000)¹³. A enfermagem pediátrica aparece associada à pediatria, como especialidade médica, por volta de 1888, com a criação de Departamentos de Pediatria nas escolas de medicina e com a fundação da American Pediatric Society. Saliente-se que

⁹ Waechter, Eugênia H., & Florênce G. Blake. *Enfermagem pediátrica*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Interamerica, 1979.

¹⁰ Nightingale, Florence. *Notas sobre enfermagem: O que é e o que não é*. Loures: Lusociência, 2005.

¹¹ Taylor, Mary K. “Mapping the literature of pediatric nursing”. *Journal of the Libr Assoc.* 94 (2 suppl) (2006): 126-136.

¹² Waechter, Eugênia H., & Florênce G. Blake. *Enfermagem pediátrica*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Interamerica, 1979.

¹³ Badinter, Elisabeth. *O amor incerto*. Lisboa: Relógio de Água, 2000.

somente após a criação dos departamentos de pediatria é que a disciplina de pediatria se tornou obrigatória nos currículos das escolas de enfermagem (Waechter & Blake, 1976)¹².

A disciplina de enfermagem pediátrica foi inserida nos currículos de Enfermagem, nos Estados Unidos da América, nas primeiras décadas do século XX. A secção sobre enfermagem pediátrica no “*Standard Curriculum*” de 1917 defendia que as aulas de enfermagem pediátrica deveriam incluir palestras sobre questões sociais e sobre psicologia, doenças infecciosas, condições ortopédicas e cirúrgicas e informações sobre alimentação e desenvolvimento infantil (Taylor, 2006)¹¹.

A enfermagem pediátrica desenvolveu-se a partir de um modelo biomédico, caracterizado pela sua orientação para o tratamento exclusivo da patologia. Compreende-se assim que a prática de enfermagem estivesse fortemente alicerçada em conhecimentos anátomo-patológicos. Em finais da década de 30, as enfermeiras pediátricas identificaram limitações no modelo biomédico, pois com a sua implementação não era possível responder às necessidades da criança hospitalizada. O afastamento temporário da família e do seu ambiente social geravam necessidades a que, o cuidado centrado na patologia, não respondia e, hipotecava, por vezes de forma irremediável, o crescimento, desenvolvimento e bem-estar da criança.

Os estudos de Spitz (2004)¹⁴ sobre privação materna, sustentam a teoria de que a criança hospitalizada sofre, sentindo a ausência da mãe, da família e dos brinquedos. Esta constatação, a par de outros estudos publicados sobre os efeitos emocionais da hospitalização na criança e a utilização de referencial teórico da psicologia, alavancaram o processo de legitimação científica da enfermagem pediátrica, na tentativa de se distanciar da área médica e na conquista de uma intervenção profissional autónoma, nos anos 40-50.

Na década 70, com a influência dos estudos de Bowlby (1990)¹⁵, em que foi descrita uma sequência previsível de comportamento esperado em crianças institucionalizadas e separadas dos pais, a enfermagem pediátrica passou a dar especial importância à necessidade de acompanhamento das crianças, pelos pais, nos processos de saúde/doença. A ênfase dada à ligação entre a qualidade das relações afetivas e da vinculação e a qualidade do desenvolvimento e bem-estar da criança, tornou mais efetiva a necessidade da interação entre a psicologia e a enfermagem.

Na década de 80, é de realçar o papel da sociologia da família (Parsons, 1979¹⁶; Minuchin, 1982)¹⁷ no ensino de enfermagem pediátrica. Considerar-se a família como um sistema vivo e aberto, em que a interação dos seus membros traz consequências no equilíbrio do conjunto, foi fundamental para reconhecer

¹⁴ Spitz, René A. *O primeiro ano de vida*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

¹⁵ Bowlby, John. *A secure base: Parente-child attachment and healthy human development*. New York: Ingram Publisher Services, 1990.

¹⁶ Parsons, Talcott. *The social system*, New York, 1979.

¹⁷ Minuchin, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

a importância da família nos processos de crescimento e desenvolvimento das crianças e no pressuposto de que é impossível cuidar da criança de forma holística sem envolver os restantes membros. Este paradigma trouxe como consequência a passagem dos cuidados de saúde pediátricos circunscritos ao plano individual, para os cuidados centrados na família.

Ensino da Enfermagem Pediátrica em Portugal

À semelhança do que se verificou noutros países europeus, também foi na transição do século XIX para o século XX, que em Portugal se passou a dar especial atenção à criança, reconhecendo-se a infância como uma etapa do ciclo de vida, com características psicológicas e biológicas próprias e com necessidades específicas, que a sociedade e a família tinham obrigação de satisfazer.

Neste contexto, surgiram os hospitais pediátricos em Portugal, destinados a acolher crianças pobres e doentes. Em 1877 foi fundado o primeiro, o Hospital D. Estefânia de Lisboa, seguindo-se, em 1883, o Real Hospital de Crianças Maria Pia no Porto.

A existência dos primeiros hospitais pediátricos não foi coincidente com a formação específica em enfermagem pediátrica, pois esta surgiu muito mais tarde. Na década de 40 começaram a surgir formações em puericultura, mas só na década de 70 se iniciou o processo que deu origem à formação especializada.

Aliás, a formalização do ensino de enfermagem em Portugal só aconteceu entre 1881/1887, decorrente da necessidade sentida por médicos e cirurgiões, de ter pessoal de enfermagem minimamente qualificado. Assim, foram criados os primeiros cursos e escolas profissionais de enfermagem (Graça & Henriques¹⁸, 2000).

Os primeiros cursos de enfermagem, de 1881, 1886 e 1897, foram ministrados respetivamente nos Hospitais da Universidade de Coimbra, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto (posteriormente com a designação de Hospital Geral de Santo António), no Hospital Real de São José e no Hospital da Marinha em Lisboa.

No início do século XX, em 1901, foi fundada a primeira *Escola Profissional de Enfermeiros*, com sede no Hospital de S. José. Aqui foram ministrados dois cursos, o *Curso Básico* com a duração de um ano, em que se exigia saber ler, contar e escrever e o *Curso Completo* com a duração de dois anos, em que complementarmente se estudava Economia Hospitalar, Escrita de Enfermagem e Regime de Serviços e Doentes Hospitalares. A partir daí foram surgindo novas escolas. Em 1922 com a aprovação do

¹⁸ Graça, L.; & Henriques, A. I. *Evolução da prática e do ensino da enfermagem em Portugal*. 2000, <https://www.ensp.unl.pt/lgraça/textos62.html> (acedido em 9 de julho de 2019).

Regulamento da *Escola Profissional de Enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa*, o plano de estudos do curso de enfermagem passou a integrar disciplinas como a Anatomia e Fisiologia, Enfermagem Geral, Enfermagem Médica, Enfermagem Cirúrgica, História da Enfermagem e Deontologia Profissional (Rosado et al., 2007)¹⁹.

Até à década de 40, a formação em enfermagem era indiferenciada, ou seja, os enfermeiros responsáveis pelos cuidados às crianças tinham a mesma formação que os enfermeiros responsáveis pelos cuidados à população em geral. Foi nesta década que foram criados alguns cursos de aperfeiçoamento em determinadas áreas da enfermagem nomeadamente na puericultura (Ordem dos Enfermeiros, 2008)²⁰, surgindo o primeiro curso de enfermeiras com especialização em puericultura em 1943.

Na década de 50 o ensino de enfermagem passou a ser ministrado em Escolas de Enfermagem, estatais ou privadas (Mendes & Mantovani, 2009)²¹.

A enfermagem pediátrica começou a constituir-se como especialidade no início dos anos 70, com a Portaria nº 260/73 de 11 de abril de 1973²², que criou o Curso de Especialização em Enfermagem Pediátrica. No entanto, só passados 10 anos, em 1983, é que foram criadas as escolas pós-básicas, nas três principais cidades portuguesas, Lisboa, Porto e Coimbra e, com elas, o Curso de Especialização em Enfermagem Pediátrica.

Em 1988 ocorreu a integração do ensino de enfermagem no Ensino Superior Politécnico, sob a dupla tutela do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde. A partir dessa data, as escolas de enfermagem, transformadas em Escolas Superiores de Enfermagem, passaram a conferir o diploma de Estudos Superiores Especializados, entre eles, o do Curso de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica (CESEESIP). Em 1999, pelo Decreto-Lei n. 353/99 de 3 de setembro²³, passou a conferir-se o diploma de Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica.

Em 1998, foi criada a Ordem dos Enfermeiros onde se encontram representados os enfermeiros especialistas em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica e, em 2010, foram criados os colégios das diferentes especialidades em enfermagem. Em 2011, o Colégio da Especialidade de Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica da Ordem dos Enfermeiros, ao publicar o *“Regulamento dos Padrões de Qualidade dos*

¹⁹ Rosado, Alexandra, Ana C. Rolo, Anabela Silva, & Cristina C. Branco. *Percurso da enfermagem em Portugal: De final dos oitocentos a meados de novecentos*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2007.

²⁰ Ordem dos enfermeiros. *Enfermagem em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2008.

²¹ Mendes, Felismina R. P., & Maria F. Mantovani. “Ensino de enfermagem em Portugal: Contributos para a sua história”, *Rev. Cogitare Enferm* 14 (2) (Abr - Jun 2009): 374-378.

²² Portaria nº 260/73, de 11 de abril de 1973. Cria diversos cursos de especialização em enfermagem. Diário do Governo, 86. Série I.

²³ Decreto-Lei nº 353/99, de 3 de setembro. Confere o grau de licenciatura ao curso de enfermagem. Diário da República, 206. Série I.

Cuidados Especializados em Enfermagem de Saúde da Criança e do Jovem”, deu um contributo essencial para a melhoria da qualidade dos cuidados em enfermagem pediátrica.

Curso de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica na Escola Superior de Enfermagem de Vila Real

Como anteriormente referimos, nos anos 80, o ensino de Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica era ministrado apenas em Lisboa, Porto e Coimbra.

A necessidade de dar resposta às recomendações da Comissão Nacional de Saúde Infantil, que preconizava um rácio de um a dois especialistas em enfermagem pediátrica por turno nos hospitais ou centros de saúde e, para facilitar o acesso dos enfermeiros à formação especializada, deu-se início a um processo de descentralização do ensino especializado, podendo este ser ministrado em qualquer escola superior de enfermagem do País.

Neste contexto, na Escola Superior de Enfermagem de Vila Real, constituiu-se um grupo de trabalho para a realização de um estudo, com o objetivo de avaliar as necessidades em enfermeiros especialistas em enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica e também para fazer um levantamento dos recursos humanos, financeiros e de equipamentos, indispensáveis à implementação do referido curso. Nesse estudo concluiu-se que no distrito de Vila Real existiam apenas onze enfermeiros especialistas em enfermagem de saúde infantil e pediátrica e destes, só cinco estavam na prestação de cuidados pois os restantes seis encontravam-se na área de gestão de serviços. Tendo em conta o rácio recomendado pela Comissão Nacional de Saúde Infantil, os serviços de atendimento infantil existentes e os previstos para entrarem em funcionamento, perspetivou-se que, em 1994, o número de enfermeiros especialistas de saúde infantil e pediátrica necessários no distrito se situava entre cinquenta a sessenta enfermeiros. Em consequência destes resultados, no Plano de Atividades para 1994, da Escola Superior de Enfermagem de Vila Real, constava como objetivo implementar o Curso de Estudos Superiores Especializados em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica (CESEESIP).

O plano de estudos do CESEESIP apresentou-se como alternativa aos currículos centralizados, procurando o equilíbrio entre as recomendações europeias, as orientações nacionais e necessidades específicas locais.

O grupo de trabalho, para a sua elaboração, contou com a presença de especialistas da área dos Cuidados de Saúde Primários, dos Cuidados Diferenciados e de dois docentes da especialidade. O grupo teve ainda a colaboração dos docentes em geral, do Conselho Pedagógico-Científico e de elementos da equipa do CESEESIP da Escola Superior de Enfermagem Cidade do Porto.

As bases do curso assentaram em: normativos legais como o Decreto-Lei nº 480/88²⁴, a Portaria nº 239/94²⁵ e o Decreto-Lei nº 437/91²⁶; na política de saúde e formação do pessoal de saúde, definidas na Lei de Bases, Lei nº 48/90²⁷, em articulação com as Metas de Saúde; nas recomendações do Relatório da Comissão Nacional de Saúde Infantil; nos indicadores de Saúde Infantil locais e nos objetivos definidos pelas instituições de saúde do distrito, no âmbito da Saúde Infantil e atendimento pediátrico.

No plano de estudos, na sua estrutura curricular, para além de um quadro de referências, consideraram-se os objetivos do ensino superior em geral e do ensino superior politécnico em particular (artigo 11º da Lei nº 46/86²⁸).

Neste plano de estudo eram visíveis os contributos de diferentes ramos da ciência, para a formação considerada fundamental ao exercício da especialidade de Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica. Para além da Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica dele constavam a Administração, a Pedagogia, a Psicologia de Grupo, a Investigação, a Estatística, a Epidemiologia, a Psicologia do Desenvolvimento, Antropologia e Sociologia, conteúdos da Ética e Deontologia e a Sociologia da Família.

Considerações Finais

Desde o seu surgimento, a Enfermagem Pediátrica tem procurado vencer os desafios impostos pela conjuntura social, política e económica, a fim de diligenciar um atendimento cada vez melhor à criança, adolescente e família.

Historicamente, a assistência à criança esteve sempre, em Portugal, à semelhança do que se passava em outros países, intrinsecamente ligada ao contexto histórico da conceção de infância e adolescência.

Até às primeiras décadas do século XX, a formação em enfermagem era indiferenciada, pelo que os enfermeiros responsáveis pelos cuidados às crianças tinham a mesma formação que os responsáveis pelos cuidados à população em geral. Nos anos 40, surgiram preocupações importantes relacionadas com o aperfeiçoamento em determinadas áreas da enfermagem, entre elas a puericultura.

²⁴ *Decreto-Lei n.º 480/88*, de 23 de dezembro. Estabelece a integração do ensino superior de enfermagem no ensino superior politécnico. Diário da República, 295. Série I.

²⁵ *Portaria n.º 239/94*, de 16 de abril. Estabelece a regulamentação genérica dos cursos de estudos superiores especializados na área da enfermagem. Diário da República, 89, Série I-B.

²⁶ *Decreto-Lei n.º 437/91*, de 08 de novembro. Aprova o regime legal da carreira de enfermagem. Diário da República, 257. Série I-A.

²⁷ *Lei n.º 48/90*, de 24 de agosto. Lei de bases da saúde. Diário da República, 195. Série I.

²⁸ *Lei n.º 46/86*, de 14 de outubro. Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República, 237. Série I.

A enfermagem pediátrica desenvolveu-se a partir do modelo biomédico, alicerçada nas ciências biológicas como a anatomia, a microbiologia, a fisiologia e a patologia.

Constatou-se, no entanto, que para responder de forma holística às necessidades da criança, especialmente quando hospitalizada, este modelo tinha sérias limitações, por não fornecer os elementos imprescindíveis à sua compreensão, como um ser em crescimento com características desenvolvimentais próprias e temporariamente afastado do seu ambiente e família.

Essa resposta só foi conseguida com recurso ao conhecimento próprio de outras ciências, pelo que os planos dos Cursos de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica incluíam conteúdos das áreas das ciências exatas, humanas e sociais. De destacar o contributo da psicologia e sociologia.

No início dos anos 70, a Portaria nº 260/73 de 11 de abril de 1973²⁹, criou o Curso de Especialização em Enfermagem Pediátrica. Em 1999 pelo Decreto-Lei nº 353/99 de 3 de setembro³⁰ foi criado o Curso de Pós-licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica.

A publicação pela Ordem dos Enfermeiros, em 2011³¹, do “*Regulamento dos Padrões de Qualidade dos Cuidados Especializados em Enfermagem de Saúde da Criança e do Jovem*” foi um contributo importante para a melhoria da qualidade dos cuidados em enfermagem pediátrica.

SOBRE OS AUTORES:

Fátima Maria Baptista Valentim Dias Cardoso
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
fcardoso@utad.pt

Maria do Carmo Martins Pires e Sousa
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

²⁹ Portaria nº 260/73, de 11 de abril de 1973. Cria diversos cursos de especialização em enfermagem. Diário do Governo, 86. Série I.

³⁰ Decreto-Lei nº 353/99, de 3 de setembro. Confere o grau de licenciatura ao curso de enfermagem. Diário da República, 206. Série I.

³¹ Ordem dos Enfermeiros. *Regulamento dos Padrões de Qualidade dos Cuidados Especializados em Enfermagem de Saúde da Criança e do Jovem*. Lisboa: OE, 2011.